

Opiniões

Editorial

Estado de direitos

Sempre que os problemas sociais mais agudos são levados a mesas-redondas, debates, discussões com acadêmicos, psicólogos, especialistas em conflitos urbanos, um ponto é realçado: na ausência do poder público, a comunidade faz seu próprio sistema de dominação ou é, mais frequentemente, vítima dela. Assim é que os delinquentes assumem o papel do Estado e dirigem as comunidades para atenderem a seus interesses: drogas, prostituição, contrabando, formação de milícias, cobrança de segurança e por aí

vai. O contraponto a esse Estado paralelo é a afirmação e consolidação do Estado de Direito, fundado no ordenamento jurídico e no reconhecimento dos direitos da população, como está sendo visto agora no Recife, ainda sem o espocar de fogos, porque são apenas os primeiros passos, mas suficientes para se intuir a possibilidade de que é possível, sim, o poder público responder à cobrança das comunidades. O nome desse "milagre" é Compaz, por extenso: Centro Comunitário da Paz.

Estamos, assim, perante um nome emblemático, que busca levar paz ao epicentro de conflitos crescentes, onde a paz se distancia, seja no Recife ou qualquer outro centro urbano do País sujeito às tensões sociais, às desordens de quadrelheiros que reproduzem o cangaço do começo do século 20, dotados dos arsenais modernos que instalam insegurança e medo. Pois bem, esse Compaz não é apenas o nome de uma atividade administrativa, mas já se mostra como uma política pública com efeitos práticos reconhecidos: no Alto

Santa Terezinha, Zona Norte do Recife, está o primeiro atestado de sucesso com um percentual contundente, a redução da criminalidade na área em que está implantado, há um ano, no lugar do Centro Social Urbano Afrânio Godoy. Pode-se até, ao saudar os bons resultados ali alcançados, chamar atenção para o que ele representa como avanço em política social: ocupa o lugar de um CSU que teoricamente tinha a mesma destinação de atrair a comunidade para atividades capazes de melhorar as relações sociais, de gerações, de gênero, compartilhando-se cultura, lazer e esportes. É isso que faz o Compaz do Alto Santa Terezinha, dando as respostas que a sociedade cobra, com biblioteca climatizada com 48 mil acessos até ago-

ra, acesso à internet e 15 mil títulos. São mais de 8 mil pessoas cadastradas no equipamento. São também oito tipos de serviços para o cidadão, com unidades do Procon, de Mediação de Conflitos, Centro de Referência em Assistência Social e atendimento psicológico. E inúmeras atividades esportivas, de lazer e de qualificação profissional. Coisa de primeiro mundo envolvendo a comunidade e criando uma cultura nova, que se expressa de muitas formas, inclusive pela ausência da ação de predadores do espaço público. Ali, como se espera que venha a ser noutros centros – o do Cordeiro está a caminho este mês –, a comunidade absorve a ação do Estado legal e faz com que ele seja capaz de se sobrepôr ao Estado paralelo, bandido.

Artigos

Março e a mulher

GUSTAVO H. DE BRITO ALVES FREIRE

Ajuta da mulher pela efetiva paridade frente ao homem (no plano das oportunidades) segue urgente em pleno século da informação. Continuamos acentuados às grades da prisão de uma sociedade povoada de estereótipos. Surpreendente que se necessite reafirmar o básico que é o direito à igualdade de tratamento por gênero, já assegurada constitucionalmente.

Outrora, na culturalidade musical, que muito diz de uma gente, uma das canções mais famosas que temos, de autoria dos saudosos Mário Lago e Ataúlfo Alves, no distante 1942, falava na "mulher de verdade", a Amélia, que só pensava em luxo e riqueza. Hoje, a mesma culturalidade exhibe a mulher-fruta. Involuímos?

Renovemos a disposição para o inconformismo

Cito a presidente do STF, ministra Cármen Lúcia: "Temos uma sociedade extremamente preconceituosa em vários temas, racista em vários temas e no caso da mulher, muito preconceituosa. É o fato de continuar a ter discriminação contra a mulher que nos faz precisar ainda de determinadas ações positivas".

Março recorda a trágica morte, por carbonização, durante incêndio, de dezenas de operárias de uma fábrica têxtil em Nova Iorque em 1857, que se atreveram a fa-

zer greve, sofrendo dura repressão policial. O tempo passou, os costumes mudaram, mas os avanços ainda são tímidos, principalmente na seara dos direitos humanos, e sobretudo em regiões como o Oriente Médio, onde mulheres não podem dirigir ou descobrir os cabelos em público, existindo, inclusive, até milícias armadas patrulhando o comportamento feminino nas ruas.

Renovemos, apesar dos percalços e dos desafios, a disposição para o inconformismo, citando na caminhada a sabedoria chapliniana: "Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas foram conquistadas do que parecia impossível". Feliz Mês da Mulher a todas.

© Gustavo H. de Brito Alves Freire é advogado

Charge #Miguel



O trem e o tempo

FREDERICO VALENÇA

É do que gosto. Entrar na paisagem, cantar o assobio do vento. Imaginar-me imbuído dos pássaros. Assim, compreendo melhor os trens e suas janelas em forma de tela de cinema – minha amada sempre ao lado –, permitindo-me sensações mais diversas. Numa estação, despeço-me da dor das viúvas da Primeira Guerra.

Próxima estação: Kehl, Alemanha. Lá, – não digam a ninguém –, gare pequena, sozinha, em que combatos respeitam o silêncio do lugarejo sombrio, fantasmagórico, é sempre 12 de novembro de 1916, embora os calendários sejam inúteis. Em Kehl, os trens flutuam sobre os trilhos.

Numa estação, despeço-me da dor das viúvas da Primeira Guerra

Motivo? Não sei. Não ousou responder, exatamente para não dar vez a perguntas impertinentes que maculariam o meu escrito já tão crucificado. O fato é que, em Kehl, haverá de ser, eternamente, 12 de novembro de 1916.

E afinal, convенhamos, nada mais estúpido que perguntar "mas que ano estamos?". Quem me lê ou observa a imagem que escrevo, percebe o instante exato em que esboço, no ar, com a mão bravaquíssima, um gesto redondo. O meu canto prosaico é mes-

mo a lágrima cálida que transporto no combolo. O destino mapeado por Deus há de me mostrar a derradeira paragem no instante preciso. Minhas estações são as do trem; não as do ano. O trem, sim, pressupõe a viagem. Pressupõe a vida, que é nada mais, nada menos, que um livro, um filme. No apito do maquinista, o anúncio do próximo capítulo, próxima cena.

E vamos seguindo o roteiro; sem mapas nem trajetos previamente estabelecidos. Não deve ser traçado ou alterado. Não atrasa. Curvas? A escuridão do túnel? Eis as emoções dos trilhos. Nada como se maravilhar com as aquarelas da paisagem. Não é a vida "um trem que nos transporta".

Estou indo. Voltar, um detalhe. Descortina-se a janela.

© Frederico Valença é escritor e produtor artístico

Febre Amarela

JOÃO REGIS

A Febre Amarela (FA) nas cidades volta a preocupar o País, após extinção da doença em 1942 e do A. aegypti em 1955, na cidade de Sena Madureira no AC. A partir daí, somente na selva (ciclo silvestre), pelos mosquitos Sabethes e Hemagogus, capazes de infectar macacos e homem na área. A doença inicia no país, com escravos da África e epidemia, no Recife, em 1685.

Desde 1976, com a reintrodução do A. aegypti, hoje presente em todos os estados e 90% das cidades, tivemos pela reurbanização da doença. Em 1986 foi identificado no Brasil o Aedes albopictus, que atingiu, em 2014, 24 estados, em zonas urbanas, suburbanas, rurais e sil-

O Brasil vive, em 2017, o maior surto, desde 1980

vestres, capaz de fazer ponte entre zonas silvestres e rurais, e com as cidades. O A. aegypti e o A. albopictus, na África, transmitem FA.

O País vive, em 2017, o maior surto de FA silvestre desde 1980, em janeiro 700 casos foram investigados, 107 confirmados, com 54 óbitos, em MG, SP e no ES e casos estudados em TO e BA, com possibilidades do aumento até maio, período de chuvas no ano 2000, com 87 casos e 39 mortes. A partir de 2007, uma expansão da zona

endêmica da doença a partir da Região Amazônica atingiu regiões do Sudeste e Sul, com riscos para outros estados atualmente. A vacina protege 95% dos vacinados, com reações locais e gerais leves, e reações graves: alergias severas; agressão ao sistema nervoso e a outras vísceras, de ocorrências raríssimas. No momento o MS recomenda a vacinação nas regiões acometidas.

O grande número de cidades com a presença do A. aegypti, a dispersão do A. albopictus, a circulação das pessoas do campo para a cidade e vice-versa, a expansão da área endêmica, culminando com esta epidemia, além da utilização da vacina na rotina da maioria dos Países com a doença, certamente forçará o MS a avaliar o custo benefício da vacina, no sentido de incluí-la na rotina de todos os brasileiros.

© João Regis é médico e membro da Academia Brasileira de Pediatría

Expediente



DIRETORIA

Presidente: João Carlos Paes Mendonça
Vice-Presidente: Jaime de Queiroz Lima Filho

COMITÊ DE CONTEÚDO DO SJCC

Elaine de Lencastre (Coordenador)
Beatriz Ino
Lúcia Freitas

DIRETORIA OPERACIONAL

Diretor de Redação: Leonardo Ferreira
Diretor Adjunto de Conteúdo Digital: Maria Luíza Borges
Diretor Comercial: Vladimir Melo
Diretor de Mercado Leste e O&G: Vitoria Barros
Diretor Administrativo-Financeiro: Vinícius Lima

Noticiário nacional

Agência Estado (A3)
Agência Globo (A4), FolhaPress
Mídia Intermediária
Agência France Press (AFP)
Central de Atendimento ao leitor
Grande Recife: 3413.6100
Interior e outros Estados: 0800-0313103
Horários: 6h30 às 17h30 - 2ª a 6ª feira
6h30 às 18h30 - Sábados
6h30 às 17h30 - Domingos e feriados
e-mail: atendimento@jcc.com.br
Endereço: Rua Juracy de 257 - Santa Joana Recife - PE
CEP: 50.040.100 Fone: 3413.6110
Redação: 3413.6174 Fax: 3413.6432

VENDA AVULSA

Semanal: Pernambuco - R\$ 2,00
Outros Estados - R\$ 5,00
Domingos: Pernambuco - R\$ 3,00
Outros Estados - R\$ 6,00
Emergências: Pernambuco - R\$ 6,00
Outros Estados - R\$ 6,00

MERCADO NACIONAL

Emprego do Mês: Recife (01) 310.8181
São Paulo (01) 3854.9630
Brasília (01) 3228.5243
Rio de Janeiro (01) 2213.0504
www.empregoemrecife.com.br

IMPRESSÃO

Carga impressa (de produtos e serviços sem concessões) aprovada: 165%

ASSINATURAS

Dívida anual: R\$ 12.000 - Grande Recife
R\$ 15.000 - Interior v/ classificados
Dívida trimestral: R\$ 30.000 - Grande Recife
R\$ 37.500 - Interior v/ classificados
Fim de semana anual: R\$ 260,00 - Grande Recife
R\$ 249,00 - Interior v/ classificados

Os exemplares do Jornal do Comercio de venda avulsa não são comercializados diretamente ao público. Nesse caso, a venda é feita por bancários de atendimento autorizados pela Prefeitura, agentes autônomos e representantes comerciais credenciados (inscrição pública), que aderiram o jornal para venda avulsa. As assinaturas, com entrega domiciliar, são verificadas por representantes autorizados, empresas credenciadas de serviços e representantes da Editora Jornal do Comercio.

REDAÇÃO DO JC

Editor de Abertura: Diogo Esteves
diogom@jcc.com.br (81) 3413.6416
Editor de Fechamento: Rafael Corralheira
rafael@jcc.com.br (81) 3413.6432

Editor de Artes: Bruno Falcone Stamford
bruno@jcc.com.br (81) 3413.6189

EDITORES ASSISTENTES

Beatriz Santana
Mona Lisa Dourado

Editor de Fotografia

Arnaldo Carvalho
arnaldo@jcc.com.br (81) 3413.6177

Editor de Cidades: André Malagutti Galvão
agalvao@jcc.com.br (81) 3413.6187

Editor de Economia: Sandro Pereira
sandro@jcc.com.br (81) 3413.6186

Editor de Política

Gilvan Oliveira
gilvan@jcc.com.br (81) 3413.6182

Editor de Esportes: Eduardo de Azevedo
eazevedo@jcc.com.br (81) 3413.6188

Editor de Cultura: Marcelo Pereira
marcelo@jcc.com.br (81) 3413.6180

Katia Tendo

Huêdes Régis

